



O FENÔMENO DA SIGNIFICÂNCIA EM SER E TEMPO

Olavo de Salles¹

Resumo: Em *Ser e tempo*, Heidegger mostra que se mundo há de ser interpretado como fenômeno, então temos de concebê-lo a partir de sua *significância* (*Bedeutsamkeit*). Em sentido ontológico, mundo se deixa apreender mais propriamente pelo fenômeno da significância. Isto quer dizer: se mundo não pode ser confundido com nenhum ente, se positivamente constitui-se como fenômeno abarcante de todo ente descoberto, então sua determinação mais própria é a significância. Ele não é nenhuma coisa encontrável e constatável, isto é, algo “que é”, mas deixa-se apreender como estrutura fenomenal, no sentido de que remete não simplesmente aos entes, mas ao seu ser, àquilo a partir do que entes podem em primeiro lugar vir ao encontro. Mundo é articulante dos significados contextualmente estabelecidos; há mundo, como totalidade significativa, quando há significância. E, dado o estatuto *ontológico* de mundo, isso implica: as coisas vem ao encontro tal *como* são e como *o que* são de acordo com a significância. O que Heidegger quer dizer com esse termo, a significância? Como ela deve ser interpretada para expor-se com teor ontológico? O objetivo, o tema e o problema da comunicação concentram-se em elucidar essa questão. O presente texto percorre elucidando os seguintes passos: 1) mundo não é a somatória do conteúdo das coisas que ocorrem “no” mundo, mas é o critério do qual os entes ganham unidade e articulação descobertos em um contexto; 2) esse critério é interpretado na forma de totalidade de referências de conformação (*Bewandtnis*); 3) a referência central dessa totalidade remete em última instância ao ser de nosso próprio ente, em virtude de qual nós mesmos existimos; 4) justamente a significância quer indicar mais agudamente a pertença de mundo ao ente que nós somos; 3) significância figura o fenômeno orientador e possibilitador dos comportamentos em geral.

Palavras-chave: *Ser e tempo*. Mundanidade. Ser-no-mundo. Significância.

Abstract: In *Being and Time*, Heidegger shows that, if the world is to be interpreted as a phenomenon, then we must conceive it based on its significance (*Bedeutsamkeit*). In an ontological sense, the world can be more properly understood through the phenomenon of significance. This means: if the world cannot be confused with any entity, if it positively constitutes itself as a phenomenon encompassing every discovered entity, then its most specific determination is significance. It is not a findable or ascertainable thing, that is, something “that is”, but it is a phenomenal structure, it refers not simply to beings, but to their being, to that from which beings can first come to encounter. World is an articulator of contextually established meanings; there is a world, as a significant totality, when there is significance. And, given the ontological status of the world, this implies things come together as they are and as what they are according to significance. What does Heidegger mean by this term, significance? How should it be interpreted to present itself with ontological content? The objective, theme, and problem of

¹ Mestrando em Filosofia pelo PPGFIL UNIOESTE-Toledo. Bolsista Capes (2022-2024). E-mail: olavo.salles144@gmail.com.

communication focus on elucidating this issue. This text elucidates the following steps: 1) the world is not the sum of the content of things that occur “in” the world, but it is the criterion from which entities gain unity and articulation discovered in a context; 2) this criterion is interpreted in the form of a totality of conformation references; 3) the central reference of this totality ultimately refers to the being of our own being, by virtue of which we ourselves exist; 4) precisely significance wants to indicate more acutely the belonging of the world to the being that we are; 3) significance represents the phenomenon that guides and enables behaviors in general.

Keywords: Being and time. Worldliness. Being-in-the-world. Meaningfulness.

1 A DETERMINAÇÃO DE MUNDO COMO FENÔMENO E SEU SENTIDO COMO TOTALIDADE

O presente texto pretende discutir, no âmbito do problema do mundo em *Ser e tempo*, em que medida a significância (*Bedeutsamkeit*) pode ser apreendida como fenômeno originário. Por originário (*ursprünglich*), Heidegger refere-se a todo fenômeno enraizado na constituição ontológica dos entes, isto é, a todo fenômeno que remete àquilo que torna ente um ente, seu princípio, sua origem; tal âmbito originário, que acontece de tal forma que antecipa, possibilitando todas as manifestações ou ocorrências constatáveis, deve remeter à vida².

Na descrição da mundanidade do mundo, Heidegger afirma “[...] a significância é o que constitui a estrutura do mundo, aquilo em que o ser-aí é” (Heidegger, 2012a, p. 87)³. Ele diz, em *Os problemas fundamentais da fenomenologia*, que “...significância é a estrutura daquilo que designamos como mundo no sentido rigorosamente ontológico” (Heidegger, 2012b, p. 429). E, além disso, de acordo com *Ser e tempo* (2012a, p. 86), a mundanidade é ao mesmo tempo conformação (*Bewandtnis*); esse é o teor ontológico do ente encontrado no interior do mundo: “[...] conformação é o ser do ente intramundano, em vista do qual, sempre a cada vez, lhe é dada liberdade” (Heidegger, 2012a, p. 84) – ou seja, ambos os fenômenos (conformação e significância) apresentam propriamente a estrutura daquilo que Heidegger interpreta como mundo e seu modo de ser, a mundanidade, de sorte que ambas possuem posição essencial na aí pertencente *questão do ser*.

² Embora, sem dúvida o tema ou o âmbito central da obra, *Ser e tempo* falta com uma menção expressa ao conceito de originário. Por isso, nossa interpretação desse termo se apoia, sobretudo, em outras obras nas quais Heidegger menciona tal termo, por exemplo: *Gründprobleme der Phänomenologie* (1919/20), *Der Ursprung des Kunstwerkes* (1936/37).

³ Apoiamos-nos sobretudo na versão de Fausto Castilho, cotejando vez ou outra com a versão de Cavalcante de Sá, porém sem abdicar de realizar alterações conforme julgamos necessário e apropriado, seja na escolha dos vocábulos, seja na escolha de construção das orações. Para promover padronização ao referir à paginação das passagens, optamos por nos orientar pela paginação da primeira versão de *Ser e tempo*, encontrada nas margens laterais de todas as versões.

Pretendemos elucidar a interpretação Heideggeriana do conceito de significância como mundanidade. Para isso, devemos inicialmente fixar em que sentido mundo ele mesmo é um fenômeno. Heidegger mostra: “...mundo não é um ente intramundano, e, no entanto, determina-o a ponto de que algo só pode ser encontrado e descoberto em seu ser, à medida que mundo se ‘d’á” (Heidegger, 2012a, p. 72). O mundo ele mesmo não é nada encontrável, pois, como fenômeno, constitui *ser* e estrutura de ser do encontrado (Heidegger, 2012a, p. 36-37) - ser não é nenhum ente, não é nenhuma coisa. A designação de “fenômeno” a mundo sugere que sua estrutura, a mundanidade, confunde-se com a estrutura que torna possível o encontro e descoberta das coisas em geral, uma estrutura de mostraçã. Heidegger afirma: “Embora não de modo temático, o mundo está previamente sempre já descoberto com todo encontrado...”, de sorte que cabe então a pergunta: “[...] como o mundo pode deixar o que está à mão ser encontrado?” (Heidegger, 2012a, p. 83). O mundo “deixa” ou mesmo “libera” o ente a ser encontrado ou descoberto como tal, e isso significa: mundo participa na determinação do ser dos entes. Se, portanto, a mundanidade deve ser interpretada como “estrutura de encontro”, se ela se apresenta como “modo de ser”, e se, por fim, mundanidade é caracterizada como significância, então esta última há de ser interpretada adequadamente como “modo de ser” e “estrutura de encontro”.

Mundo não “é” coisa nenhuma, mas *acontece* como significância. Ora, mas hoje, no que vulgarmente se diz sobre mundo, aceitaríamos de bom grado que mundo não é coisa nenhuma, porque afinal é todas as coisas juntas; mundo não é coisa nenhuma, pois só pode ser entendido como a soma de todas as coisas – assim poder-se-ia entender a afirmação. Se, porém, com essa resposta imediata, calarmos a questão pela natureza de mundo, fica absolutamente impensado como é possível no geral a junção ou a soma de todas as coisas, e como, apesar dessa junção, as coisas precisamente chegam a ser elas mesmas, individualmente, nesse todo. Querendo ver-se livre desse assim chamado conceito vulgar, Heidegger pergunta pelo conceito filosófico de mundo – e responde com os fenômenos de significância e conjunção. Se tais fenômenos, portanto, designam o modo de ser e acontecer *do* mundo, temos de interpretá-los frente àquele conceito vulgar. Para isso, temos de tornar compreensível que Heidegger apreende o sentido de mundo como totalidade (*Ganzheit*) e em que medida o conceito de totalidade não se confunde com o de todo (*das All*).

2 O SENTIDO DA TOTALIDADE COMO CONFORMAÇÃO

Analogamente à recusa de identificar o ser dos entes com um ente universal (Heidegger, 2012a, p. 3), o conceito de mundo também, como totalidade, não se identifica com o conceito do

todo universal dos entes. Heidegger enfaticamente assinala que descrever o mundo como fenômeno não significa mostrar o que ocorre “no” interior do mundo, e nem tornar equivalente tal fenômeno a um conceito *genérico* de algo que ocorre no mundo, como a natureza (Heidegger, 2012a, p. 63). Tal descrição mantém-se, nas palavras de Heidegger (2012a, p.63): “...um assunto pré-fenomenológico...” e isto diz, ôntico. Descrever mundo não significa mostrar o que ocorre *com* os entes do interior do mundo, mas tornar evidente sua estrutura de mostração e de encontro, isto é, seu ser. Ora, à medida que tal estrutura diz respeito ao fenômeno de mundo, essa descrição confunde-se com o que Heidegger nomeia “mundanidade” (*Weltlichkeit*).

A mundanidade é apreendida por Heidegger mediante os conceitos de conformação (*Bewandtnis*) e significância. Nota-se, na passagem seguinte, que Heidegger interpreta o primeiro termo no sentido de um contexto unificado e articulado de *referências*.

O ser do que está à mão tem a estrutura da referência. O ente é descoberto tendo em vista que, enquanto o ente que ele é, está referido a algo. Ele tem *com* ele sua conformação *junto* a algo. O caráter de ser do que está à mão é a conformação. Nela reside: deixar voltar-se com algo junto a algo (Heidegger, 2012a, p. 84).

Vale a importante menção de que Heidegger descreve o fenômeno aqui em questão a partir do ente que vem mais imediatamente ao nosso encontro: os entes com os quais fazemos algo, de que nos ocupamos; tais entes são assim nomeados *utensílios* ou entes *à mão*. É essencial pelo modo de ser desse ente que em si mesmo ele se refira a *outro* ente junto ao qual tem algo consigo. O sentido dessa referência, mostra Heidegger (2012a, p. 68), está em que “...por essência, o utensílio ‘ é algo, para...’.”; ou seja, à medida que o utensílio se refere a outro utensílio sendo algo *para* algo, ele se mostra e pode mostrar-se unicamente como o ente na possibilidade de uso que lhe é própria. Ser utensílio, ser *à mão*, diz ser para algo. Essa referencialidade constitui seu ser, isto é, a estrutura pela qual ele *pode* descobrir-se como tal. Nessa perspectiva, porém, cada utensílio pode destacar-se individualmente, mas é característico que: “*Antes* destes já está descoberta em cada caso uma totalidade utensiliar” (Heidegger, 2012a, p. 69). Uma primeira interpretação possível dessa afirmação seria: ora, à medida que um utensílio está *à mão*, ele mesmo se refere a outro utensílio, esse outro utensílio refere-se a outro utensílio, e assim se constrói, quando se somam as referências individuais, um nexos ou contexto no qual cada utensílio se refere a outro utensílio. No entanto, se seguirmos com essa interpretação, fica incompreensível a sentença de que a totalidade, aqui compreendida simplesmente no sentido de “tudo somado”, tem de ser *prévia* a uma referência individual do ente.

Certamente, o conceito de totalidade abarca um todo, mas um todo que, porque antecipa, não pode ser constituído mediante uma soma. Por outro lado, temos de evidenciar que a totalidade utensiliar, isto é, a mundanidade do mundo circundante, absolutamente não pode remeter a uma soma que leva em conta cada um dos utensílios que uma subjetividade é capaz de perceber, levar em conta. Antes, dizer que uma totalidade utensiliar é descoberta previamente é dizer que nós já sempre nos movemos na compreensão de um “ser-para-algo”. Nós não levamos em conta e levamos a cabo uma referência particular de um ente particular, considerando-a de modo explícito, sucessivamente, até representarmos um contexto. Para isso, teríamos de admitir que o primeiro ente da contagem ter-se-ia manifestado, sem referencialidade, como uma coisa material destituída de significado (Heidegger, 2012a, p. 85). Com efeito, seria forçoso afirmar que os entes vêm ao nosso encontro, de início, ainda sem significado, como meras coisas acessíveis apenas mediante unidade de forma e matéria. Como Heidegger quer mostrar, em verdade, precisamente sem tematizar propriamente o que seja o sentido de ser, já nos ocupamos com utensílios, entretemo-nos em meio às coisas do mundo: nós já sempre vivemos em meio a contextos significativos, complexos articulados por um sentido unificador (o ser-para-algo). Que mundo *aconteça* como totalidade significa que ele é o princípio-sentido articulador e unificador de tudo que pode mostrar-se, mas não que esse princípio seja alcançado teoricamente levando em conta uma característica comum, genérica e universal (Heidegger, 2012a, p. 70).

Com efeito, é com vistas ao sentido sempre prévia e discretamente disponível que as coisas do interior do mundo “ganham” suas referências particulares. E isso de tal modo que não há possibilidade de algo manifestar-se como algo à mão, isto é, como um utensílio, senão referindo-se a outro ente. É isto que Heidegger quer mostrar com fenômeno da “conjunção”, e é com esse fenômeno que ele apreende mais propriamente o sentido da referencialidade: “[...] A relação ‘com’...’junto’... deve ser indicada pelo termo referência” (Heidegger, 2012a, p. 84). Acontecendo *ao modo* da conjunção, a mundanidade do mundo torna-se assim um desígnio ontológico: “Conjunção é o ser do ente intramundano em vista do qual ele de saída já sempre é liberado” (Heidegger, 2012a, p. 84). A conformação particular de um ente, por sua vez: “[...] só é à cada vez descoberta sob a base de uma totalidade de conjunção previamente descoberta” (Heidegger, 2012a, p. 85), de sorte que: “*Qual* a conjunção um utensílio tem é algo que está prelineado pela totalidade da conjunção” (Heidegger, 2012a, p. 84).

Esse nexos complexo de referências mutuamente dependentes de “ser-para-algo”, porém, deve ter uma raiz comum, uma referência primária que reúne as demais. O que nos habilitará a expor o fenômeno da significância é precisamente interrogar por esse fundo articulador e unificador da totalidade mundana.

3 SIGNIFICÂNCIA: UNIDADE E ORIGINARIEDADE DA MUNDANIDADE DE MUNDO

Perguntamos: o que exatamente é isto em vista de que o todo do intramundano se articula e unifica? Heidegger mostra:

Mas a totalidade de conformação ela mesma retrocede por fim a um para-quê, junto ao qual não há mais *nenhuma* conformação, que não é ele mesmo um ente que ao modo de ser à mão no interior do mundo, mas um ente cujo ser é determinado como ser-no-mundo, a cuja constituição de ser pertence a própria mundanidade. Esse para-que primário não é um para-isto como possível ser junto a de uma conformação. O “para-quê” primário é um em-virtude-de. O “em-virtude-de” concerne, porém, sempre ao ser do *ser-aí*, o qual, em seu ser, está essencialmente *às voltas* com esse ser mesmo (Heidegger, 2012a, p. 84).

Por sua vez, algo como um contexto significativo previamente unificado, no qual o ser dos entes em geral se faz possível, torna-se possível com *nosso* ser. Como já vimos, mundo não é nada presente, mas constitui *ser* de todo ente presente. Se Heidegger, porém, reserva o termo “ser-aí” para indicar, referindo-se ao nosso ente, pura expressão de ser e possibilidade de ser (Heidegger, 2012a, p. 72), se ser-aí diz possibilidades de ser e modos de ser (Heidegger, 2012a, p. 144), então mundo e ser-aí não são dois entes separados. Ambos pertencem a um só ente cujo modo de ser é o existir. Se mundo pertence à existência, então o ser-aí é o acima mencionado “ser-no-mundo”. E se a significância é a estrutura de mundo, então nossa existência é fundamentalmente significativa. Que o fenômeno do complexo de referências tenha o caráter de significância, isto é, que mundo aconteça como um contexto significativo, é porque tal contexto remete, em última instância, ao nosso ser, àquilo em virtude de que existimos. Como Heidegger assinala acima, nosso ser-aí é aquele ente (o único) para o qual algo como ser não só se faz possível, mas para o qual o *próprio* ser está em jogo ou faz-se questão, e por isso é algo em virtude do qual ele mesmo existe. De que modo a significância surge desse ponto?

Para clarificar o caráter de significância da existência há teses, para as quais aqui apenas acenaremos, que deveriam ser retomadas: existir não remete a um ser meramente presente, mas: a) a um poder comportar-se junto ao ente, b) a um deixar o ente manifesto em *seu* ser. Assim, significância é não só aquilo que direciona (orienta) todo comportamento possível, mas aquilo que concomitantemente torna manifesto o ente em geral.

Ao avançar perguntando pela raiz da unidade articulada da totalidade mundana, encontramos que o centro desse nexos de referências é o nosso próprio ser. Em nos comportando junto ao ente imediatamente encontrado, estamos desde sempre familiarizados com as

referências significativas, a ponto de podermos nos mover de modo adequado em meio ao ente. Mas isso pressupõe, em primeira instância, que estejamos familiarizados, de um ou outro modo, com nosso próprio ser. Essa familiaridade conosco mesmos, isto é, essa referência primária ao si mesmo e ao modo como ele centraliza todo nexos referencial dos entes intramundanos deixa manifesto o que temos de compreender pelo fenômeno da significância. Heidegger diz:

Mantendo-se familiar com as referências, o compreender *providencia-as* para si mesmo, enquanto aquilo em que seu referir se move. O compreender deixa referir a si nessas e dessas remissões. O caráter remissivo dessas referências apreendemos como *significar*. Na familiaridade com essas remissões o ser-aí “significa” para si mesmo, ele se dá a compreender originariamente seu ser e seu poder ser, tendo em vista seu ser-no-mundo. [...] O todo remissivo desse significar nós nomeamos de *significância*. Ela é aquilo que perfaz a estrutura do mundo, aquilo em que o ser-aí como tal já sempre é. *O ser-aí, em sua familiaridade com a significância, é a condição ôntica de possibilidade de ser descoberto do ente que, ao modo da conformação, é encontrado em um mundo* (Heidegger, 2012a, p. 87).

Tomando parte no nosso ser-no-mundo, o fenômeno da significância prefigura a orientação ou direcionalidade dos comportamentos que descobrem os entes do interior do mundo. Essa direcionalidade, por sua vez, depende da compreensão do ser do respectivo ente junto ao qual nos comportamos. Como vimos antes, essa não precisa ser explicitada para efetivamente tomar lugar em nossa compreensão, de sorte que, à medida que nossa existência cotidiana está imersa e absorva em meio à ocupação, nosso ser-aí já se vê familiarizado com a significância de mundo. Os comportamentos descobridores previamente e discretamente contam com aquilo com base no que o ente intramundano se torna manifesto, a saber, o sentido articulador e unificador de tudo que se manifesta. Mas esse não é interpretado de qualquer maneira, como se fosse uma referência entre outras. Como se vê acima, a descoberta dos entes é sempre feita em meio a totalidades de referências, mas justamente a referência principal é o “ser em virtude de”, em nome da qual nós próprios existimos, à qual remetem todas nossas possibilidades de ser. A familiaridade originária é a familiaridade consigo mesmo. Mas isso significa, em última instância, que, para existir, não precisa tornar-se explicitamente apreendido aquilo em virtude de que existimos.

De que modo, porém, isso indica o caráter de originário do fenômeno? No §17 de *Ser e tempo*, Heidegger analisa o ente que tem seu significado como um *sinal*. A tese a ser compreendida é: os sinais mostram. No entanto, o mostrar de um sinal parece ser comum a todo ente que imediatamente encontramos.

Qual a maneira adequada de lidar com sinais? Na orientação com o exemplo da seta foi preciso dizer: o comportamento correspondente (ser) em relação ao sinal encontrado é ou “desviar” ou “ficar parado” frente ao veículo que vem e

sinaliza. Tomar uma direção de desvio pertence essencialmente ao ser-no-mundo do *ser-aí*, que está sempre de alguma maneira dirigido para algo e a caminho de algo; ficar e permanecer são casos limítrofes do estar dirigido e a caminho de algo (Heidegger, 2012a, p. 79).

É essencial à significância de mundo orientar o comportamento direcionado ao ente. Nisso a “vida” ganha sua mobilidade. Reside na significância o caráter *vivencial* e originário do mundo enquanto contexto de referências. É possível plenamente compreender mundo enquanto aquilo “em que” o ser-aí existe a partir do fenômeno da significância (cf. Heidegger 2012a, p. 64; p. 54). Esse caráter pode ser apreendido como um sistema de relações (Heidegger, 2012a, p. 263), no entanto, Heidegger avisa, precisamente essa *formalização* da significância perde de vista seu caráter originário: “O sinal justamente *não* é apreendido quando nele nos fixamos e o constatamos como uma coisa presente que mostra” (Heidegger, 2012a, p. 79). O fato de que um significado possa ser formalizado em “relações”, e que, ademais, tudo pode ser formalizado em “relações”, não fala em favor de uma absolutização de tudo em relações. Nós não vivemos em relações com coisas que se relacionam entre si. A formalização relativizada perde de vista o modo de encontro mais próprio e genuíno, perde de vista o ser-no-mundo ocupado, absorvido. Mas isso, por outro lado, mostra que no fenômeno da significância encontramos mais propriamente aquilo que Heidegger denomina de originário.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 7. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012a.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução: Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2012b.

HEIDEGGER, Martin. Sein und Zeit. In: *Gesamtausgabe 1*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1978.

HEIDEGGER, Martin. *Prolegomena zur Geschichte des Zeitbegriffs*. In: *Gesamtausgabe 20*. am Main: Vittorio Klostermann, 1979.

HEIDEGGER, Martin. Der Ursprung des Kunstwerkes. In: *Gesamtausgabe 5: Holzwege*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1977.

HEIDEGGER, Martin. *Die Grundprobleme der Phänomenologie*. In: *Gesamtausgabe 24*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1975.

HEIDEGGER, Martin. Grundprobleme der Phänomenologie (1919/1920). In: *Gesamtausgabe 58*. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1993.